

Cultura / Património histórico e cultural / Sinais de povoamento remoto

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



1 Duas estruturas escavadas no tufo vulcânico, junto ao Forte de São Diogo, no Monte Brasil. Possuem entradas em arco-perfeito e é notável verificar que houve escolhas deliberadas aquando da escavação das câmaras que facilmente teriam permitido outras soluções mais espontâneas e racionais se a lógica fosse renascentista.



2 Estrutura escavada no tufo vulcânico, parcialmente abatida, provavelmente por fenómenos sísmicos, possuindo na parede de fundo uma pia escavada que recolhe a água da escorrência superficial que ocorre nessa parede. Na foto a parede apresenta-se húmida, havendo no solo um sulco (canal) que recolhe essa água.



3 Pormenor do sistema de condução de água de escorrência superficial numa parede de uma estrutura escavada no tufo vulcânico do Monte Brasil, em forma de V. Na parede da direita constata-se a presença de um pequeno nicho.

Texto:
Félix Rodrigues

Fotos:
**Paulo Henrique Silva,
CMAH**

Atualizado
a 21 abril 2023



4 Pormenor de pia escavada numa estrutura hipogea do Monte Brasil que se enche de água que escorre através da parede do fundo e do seu sulco em forma de V. No equinócio da Primavera a pia está normalmente cheia de água e reflete a luz do sol quando este se põe no final do dia.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



5 Pormenor de pia cheia de água que aí se acumula pela escorrência na parede da estrutura e respetiva canalização pelos sulcos laterais. Tal ocorre a partir de meados de Inverno até meados da Primavera.



6 Pequeno nicho no interior de uma edificação hipogea do Monte Brasil e marcas do instrumento(s) de escavação/construção da estrutura.

JUNTO AO FORTE DE SÃO DIOGO, também referido como Forte do Zimbreiro, construído no contexto da crise de sucessão de 1580, encontram-se quatro estruturas hipogéicas, escavadas minuciosamente no tufo vulcânico que aí se encontra e com funcionalidades difíceis de entender à luz de uma cultura europeia seiscentista ou setecentista. Uma delas funciona com calendário solar e duas delas aparentam ter tido funcionalidades ritualísticas. São misteriosas, pela tipologia de construção, pela sua disposição espacial e pelos pormenores técnicos envolventes. Uma datação relativa aponta para épocas muito anteriores à presença portuguesa na ilha, necessitando-se neste momento de uma investigação mais aprofundada para as situar adequadamente no seu tempo cronológico.

As prisões filipinas, assim classificadas, por se admitir que foram construídas no tempo de Filipe II de Espanha, são construções trogloditas, desfasadas na história e no tempo. Assemelham-se às construções trogloditas da Turquia ou Tunísia, sem paralelos com as construções medievais portuguesas ou espanholas. Há uma clara ligação entre essas estruturas, que bem podem ter sido reutilizadas, com aquelas que se encontram junto ao Forte de São Diogo, na mesma fortaleza. Sendo as primeiras muitas arcaicas, estas segundas também o serão. Sendo estas segundas construídas num período histórico, então, as primeiras também o foram. A investigação de umas não pode ser separada da investigação das outras.

Há claras disparidades entre a lógica construtiva da Fortaleza de São João Baptista e a destas estruturas pelo que quem as visita perceberá o salto no tempo que se dá, num simples atravessar de porta.



7 Estrutura hipogea do Monte Brasil, com entrada em arco perfeito, contendo no seu interior quatro pias dispostas em forma de arco. Essa estrutura funciona como calendário solar.



8 Em frente da estrutura descrita na imagem 7 e pelo exterior, junto ao solo, existe um canal que conduz as águas de escorrência superficial até ao mar.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



9 Interior da estrutura hipogeica que funciona como calendário solar. Ao fundo encontram-se quatro pias circulares com um pequeno canal que delas sai e se liga a outro do qual recebe água. O canal que abastece as pias situa-se ao nível do solo e circunda toda a estrutura.



11 Pormenor dos canais verticais situados na parede lateral esquerda da estrutura descrita na imagem 7 e que conduzem a água que aí escorre para o canal situado ao nível do solo.



10 Pormenor da disposição das quatro pias da estrutura descrita na imagem 7.



13 Pormenor das ligações dos canais do interior da estrutura descrita na imagem 7 com o canal que passa em frente dessa estrutura e que reencaminha a água para o mar.



14 Pormenores das marcas de ferramentas utilizadas na construção da estrutura descrita na imagem 7 e do canal interior situado ao nível do solo.

12 Pormenor das quatro pias da estrutura da imagem 7, cheias de água, e do canal situado ao nível do solo que as abastece.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



15 Disposição de três das pias interiores da estrutura descrita na imagem 7.



17 Mesmo pormenor (vista de cima de uma das pias da estrutura descrita na imagem 7) que em tudo se assemelha à descrita na imagem 17.



16 Vista de cima de uma das pias da estrutura descrita na imagem 7 onde se percebe a sua ligação (pequeno canal) com aquele outro que circunda a construção.



18 Pormenor do canal que circunda a estrutura da imagem 7 (lado direito de quem se encontra no interior voltado para a porta) e que conduz água para o exterior.



19 Estrutura hipogea do Monte Brasil, localizada ao lado direito daquela que funciona como calendário solar se nos encontrarmos voltados para ela. No seu interior acumula-se grande quantidade de água que se acede através de uma escada. No teto possui estalactites que admitindo a mesma taxa de crescimento de outras de igual composição e de idade conhecida permitem apontar uma cronologia situada no final do primeiro milénio antes de Cristo. No exterior existe um canal que parece conduzir água de escorrência da parede para o seu interior.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



20 Entrada em arco perfeito da estrutura referida na imagem 19 e pormenor do canal exterior.



22 Esta estrutura (descrita na imagem 20) também possui um canal lateral que a circunda, conduzindo água para o seu interior. Nesta imagem percebe-se a existência de uma espécie de descarregador de água, que tanto existe no lado direito como no lado esquerdo.



21 O interior desta estrutura tem uma planta trapezoidal e foi escavada em duas fases: a primeira desde o nível do solo até ao teto, e a segunda, em profundidade, desde o nível do solo até ao nível que retém a água. Percebe-se a ligação entre o canal exterior referido na imagem 19 e o interior da construção.

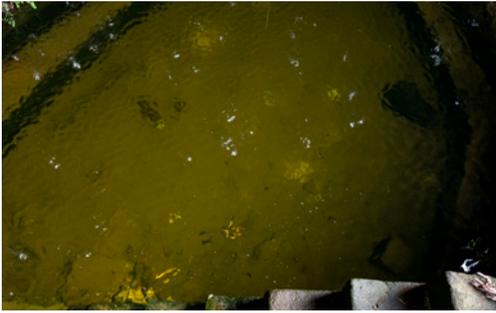


24 Pormenor da escadaria de acesso ao fundo da estrutura da imagem 19 e da bancada submersa, disposta em forma trapezoidal. A população local designa essa estrutura por "cisterna" e vê aí um sistema de armazenamento de água, mesmo que o nível se mantenha praticamente constante ao longo do ano.



23 Aspecto geral da estrutura descrita na imagem 19 onde se percebe a planta trapezoidal, a presença de uma escadaria para descer ao nível da água e uma bancada no fundo, submersa.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



25 A maioria da água que abastece a estrutura da imagem 20, não provém da escorrência superficial das suas paredes, como acontece com as duas estruturas descritas anteriormente, mas sim, da infiltração de água através do seu teto, produzindo um efeito permanente de "chuva artificial".



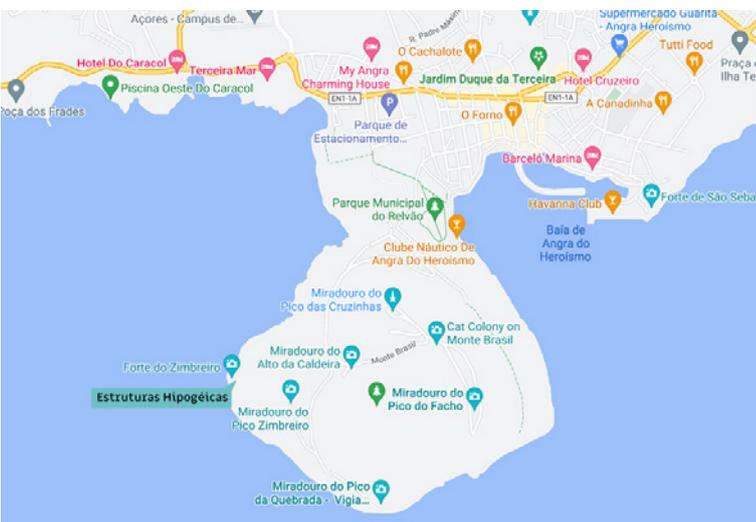
26 Outra perspectiva do dito efeito de "chuva artificial" que ocorre no interior da estrutura mencionada na imagem anterior (imagem 25).



27 Na parede do fundo da estrutura da imagem 19, lado direito, encontra-se um grande nicho escavado, da altura de um homem médio, voltado no sentido do ponto mais alto da ilha: a Serra de Santa Bárbara. É difícil aceder ao nicho porque o canal que lhe dá acesso é estreito.



28 Outra perspectiva do interior da construção da imagem anterior, onde se destaca a planta e a posição do grande nicho. Esse nicho parece ter um carácter cerimonial.



29 Ao lado direito da estrutura descrita na imagem 19, outra pequena estrutura hipogea aparece, localizada num plano mais elevado e de difícil acesso. A entrada é também em arco perfeito e no seu interior observam-se também as marcas de ferramentas.

Estruturas Hipogéicas do Monte Brasil

38°38'40.4"N 27°14'01.0"W

<https://www.google.pt/maps>

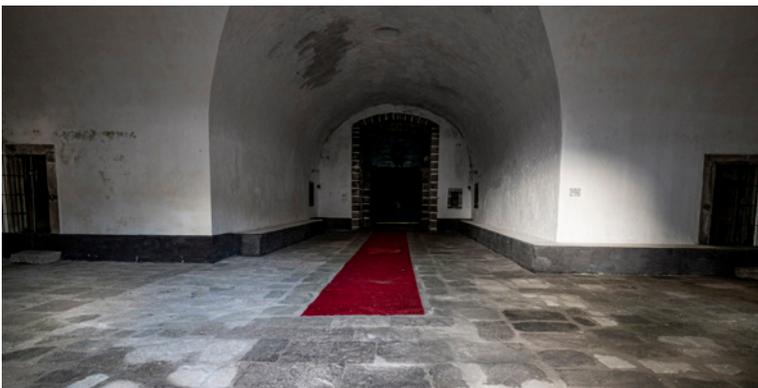
ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



30 Nesta área do Monte Brasil, convivem, lado a lado, estruturas militares (construídas no século XVII e reconstruídas no século XVIII - lado esquerdo), habitação (do século XVI/XVII - janela em frente) e estrutura hipogeica de cronologia incerta (lado direito).



32 Uma das portas de entrada para as designadas prisões filipinas. Têm esse nome pelo facto de militares e historiadores considerarem que foram construídas nos reinados dos Filipes de Espanha.



31 Interior da porta principal da Fortaleza de São João Batista. Essa porta foi construída após a conquista da fortaleza aos Espanhóis pelos portugueses (após 1642, século XVII).



34 Um dos corredores dessas estruturas que também se podem designar por trogloditas, é interrompido para dar lugar à construção da entrada principal da fortaleza. Pode-se afirmar que essa interrupção foi realizada no século XVII. Só se observa essa interrupção nas "prisões" do lado direito, não se a observando nas "prisões" do lado esquerdo.



33 Há claras diferenças tipológicas entre a construção das "prisões filipinas" e o interior das ditas prisões. Nelas observam-se transições instantâneas de tecnologias de construção, tendo no seu interior as mesmas marcas de ferramentas que se encontram nas estruturas hipogeicas do Monte Brasil.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



35 Aspeto geral de câmara e corredor troglodita bem como da intervenção realizada no século XVII.



37 Aspeto geral da câmara troglodita de entrada das "prisões filipinas" situadas no lado direito da porta principal da fortaleza quando nos encontramos voltados para elas.



36 Aspeto da ligação da estrutura troglodita com a construção setecentista.



38 Outro pormenor da câmara troglodita descrita na imagem anterior.

ESTRUTURAS HIPOGÉICAS/TROGLODITAS DO MONTE BRASIL



39 Corredor de ligação entre câmaras trogloditas das "prisões filipinas" situadas no lado direito da porta principal da fortaleza.



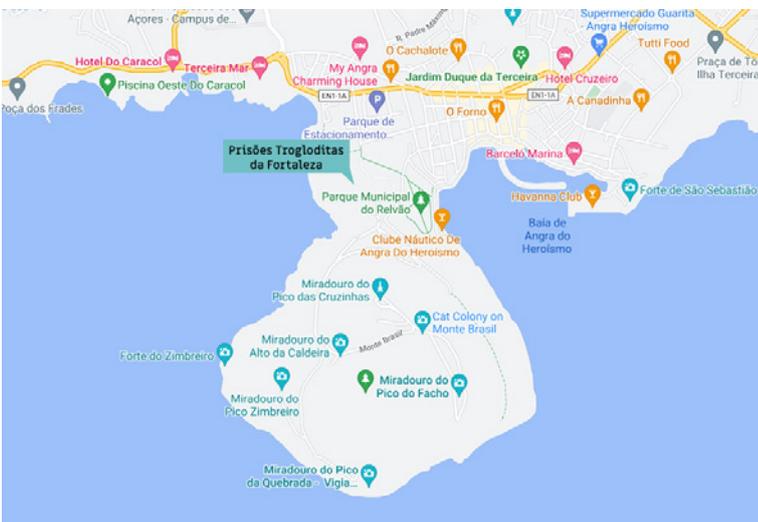
41 Perspetiva das disposições das câmaras interiores das "prisões" trogloditas da Fortaleza de São João Batista.



40 Pedra furada, localizada numa reentrância, em forma de altar, situada no interior das estruturas trogloditas da Fortaleza de São João Batista, descrita como "latrina".



42 Corredor principal da estrutura troglodita da imagem anterior e posição da pedra furada, dita latrina, colocada em local de destaque nessa estrutura. A latrina, teria sido construída no local das construções com pouca privacidade.



Prisões Trogloditas da Fortaleza de São João Batista

38°39'07.1N 27°13'35.0W

<https://www.google.pt/maps>



43 Outra estrutura hipogea (troglodita) da Fortaleza de São João Batista que se constitui uma câmara de grandes dimensões e que dá acesso à designada "Porta Falsa".